

**GEMINIS**

[ESPAÇO CONVERGENTE - ENSAIO]

# IMAGENS, TEMPO, ESCRITA: INVENÇÕES RESSOAM POR TWITTES

## ELENISE CRISTINA PIRES DE ANDRADE

*Professora doutora do Departamento de Educação da  
Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs), Bahia.*

*Participante do grupo de pesquisa Multidão.*

*E-mail: nisebara@gmail.com*

## ÉRICA SPEGLICH

*Doutora em educação pela Universidade Estadual de Campinas.*

*Participante do grupo de pesquisa Multidão.*

*E-mail: speglich@gmail.com*

## RESUMO

Esse texto é uma proposta de experimentação proporcionada pelo minicurso “Imagens, tempo, escrita (talvez cartas)” desenvolvido no 18º Congresso de Leitura do Brasil, em 2012, para um público de professores da educação básica. Muitas vontades atrave(r)ssadas na criação deste minicurso: o que podem os artefatos culturais (twittes, imagens, 140 caracteres, clipes, conhecimentos, vídeos, músicas, computadores e teclados, internet), seus limites e potencialidades na comunicação/mídias em educação quando tais artefatos não mais explicam o mundo? Que potência seria essa? Como tornar efetiva essa expressão na invenção dos conhecimentos, pensamentos, políticas, memórias através deste movimento?

**Palavras-chave:** imagens; tempo; escrita; Deleuze; Twitter.

---

## ABSTRACT

This text is an experimentation ruled by the experiences lived on a course during the 18o. Congresso de Leitura do Brasil. In the course we met with Fundamental School teachers. Our bet was in the questions: what are the potencies of the cultural artefacts (twites, images, 140 characters, videoclips, knowledges, musics, films, computers and keyboards, internet)? What are their limits and potencialities in the communication/media in education when they do not explain the world anymore? What could be this potenciality? How could we, in this movement, effectuate this expression in the invention of the knowledges, thoughts, politics, memories?

**Keywords:** images; time; writing; Deleuze; Twitter.

**E**sse texto é uma proposta de experimentação proporcionada pelo minicurso “*Imagens, tempo, escrita (talvez cartas)*” desenvolvido no 18º Congresso de Leitura do Brasil, em 2012, para um público de professores da educação básica. Muitas vontades atrave(r)ssadas na criação deste minicurso: o que podem os artefatos culturais (twittes, imagens, 140 caracteres, clipes, conhecimentos, vídeos, músicas, computadores e teclados, internet), seus limites e potencialidades na comunicação/mídias em educação quando tais artefatos não mais explicam o mundo? Que potência seria essa? Como tornar efetiva essa expressão na invenção dos conhecimentos, pensamentos, políticas, memórias através deste movimento?

Animava-nos pensar com as possibilidades de escrita e leitura propostas a partir dos 140 caracteres definidos pelo twitter no encontro com professores e o que chamamos de dispositivos culturais: diversificadas imagens, trecho de filmes, músicas, poesias, junto aos conceitos de *escrita, tempo e invenção*, para (de)compor (n)esses encontros. Twitter, aqui, entendido como um artifício cultural e não somente um microblog de escritas fixadas em 140 toques e nossa vontade de esgarçar uma “opinião generalizada” sobre leitura, escrita, quantidade e produção de sentidos, já explorados em ANDRADE; SPEGLICH (2012).

A conversa ao longo do minicurso foi exclusivamente pelo twitter, em perfis abertos apenas para o momento, sendo que, apenas antes da apresentação de cada artefato cultural, propúnhamos uma pergunta “fora” do twitter. Nossa aposta era a de que tais movimentos poderiam maquinar uma “forma de sair *do* e fazer fugir *o* jogo das imagens/escritas representacionais, que fixam o movimento do conhecimento, pensamento e vida. Fugir *da* e fazer fugir *a* submissão ao tempo cronológico. Fugir *da* e fazer fugir *a* escrita um precisar ser longo, extenso, amplo, infindável” (ANDRADE; SPEGLICH, p. 127, 2012).

Traremos, para este artigo, os twittes trocados ao longo do mini curso para movimentar o pensamento. Twittes como ‘objeto’ de análise e, especialmente, usados para (de)compor ressonâncias junto aos conceitos da filosofia da diferença que pretendemos explorar. Twittes que foram acompanhados de risadas, dúvidas, lembranças, esqueci-

mentos, provocações do grupo ao entrar em contato com vários fragmentos de dispositivos culturais tais como: trechos do documentário *Life in a Day*<sup>1</sup>, o clipe da música *Remind me*<sup>2</sup> e a introdução da produção cinematográfica *Mais estranho que a ficção*, dirigido por Marc Forster, 2006. Vale ressaltar que traremos para esse texto apenas uma parte das discussões realizadas durante as quatro horas do mini-curso onde, além desses dispositivos culturais, também discutimos com os professores, via twitter, questões provocadoras que lançamos antes de cada dispositivo cultural ser apresentado.

Buscamos, com essas escolhas, ressonâncias pela filosofia pós-estruturalista para explorar pensamentoescritapesquisa ao buscar extrapolações ao já pensado, acabado, num movimento desafiador das classificações, das explicações, por isso nossas escolhas por materiais tão diversos a inspirar ‘multiálogos’ durante o minicurso: sete contas de twitters em simultaneidade. Conversavam? Com versavam? Que versos continham? Cento e quarenta toques delimitam a sensação dos versos? Toques enovelados que não querem desatar os nós dos momentos de (des)encontros e desassossego na produção de conhecimento, que não se pretendem explicativos, mas intensivos no plano das sensações<sup>3</sup>.

Nesta nossa proposta metodológica, que é também e ao mesmo tempo estética, a ação política não se funda apenas no estar ou não de acordo com o que se enuncia, com o que (se) escreve ou vê, mas em uma certa forma de lidar com o sentido e com a linguagem, na busca de um dizer/pensar/ver/imaginar que se aproxime do aberto, do imprevisível e do ficcional, fissurando a força da representação que mora na linguagem e na comunicação. Uma poética que manifesta uma força política não sujeita a sentidos translúcidos, dados e estabelecidos.

Os twitters produzidos durante o minicurso pelas quatro professoras participantes, juntamente com as duas proponentes do mini curso, assim como o monitor, serão as potências a serem exploradas nesse texto. Um máximo de 140 caracteres grafados em Courier New a per-correr este texto e que se *atualizam* a cada contato com o movimento dos sentidos produzidos. Em uma tentativa de não perder a intensidade da caoticidade dos pensamentos e dos sentidos dos twitters produzidos entre as apresentações desses dispositivos culturais, escolhemos dividir esse texto em seções onde

1 *Life in a Day* é um documentário singular de 90 minutos onde mais de 81 mil pessoas enviaram aos produtores (Youtube e Scott Free UK) gravações realizadas em um único dia: 24/07/2010. (Informações obtidas em <<http://www.telegraph.co.uk/culture/film/filmmakersonfilm/8552739/Life-in-a-Day-24-hours-in-the-life-of-the-world.html>>).

2 *Remind me* é uma música do grupo Röyksopp. O clipe foi dirigido por Ludovic Houplan & Hervé de Crécy, 2002. (Fonte:< <http://royksopp.com/videos/remind-me>>).

3 Um des-locar-se que é contínuo em outros trabalhos de nosso grupo de pesquisa *multiTÃO*, tais como WUNDER *et al*, 2006; ANDRADE; SPEGLICH, 2006; ANDRADE; SPEGLICH, 2007; ANDRADE; SPEGLICH, 2008; AMORIM *et al* 2008; ANDRADE *et al* 2010; ANDRADE; DIAS 2010; ANDRADE; ROMAGUERRA, 2011, ANDRADE; SPEGLICH, 2011.

apresentaremos em imagens e questões o que escolhemos como disparadores das conversas, alguns dos twitters produzidos e as explorações que realizamos para esse texto.

*I LIKE TO MOVE, MOVE (OU MOVIMENTO – ATUALIZAÇÃO – INVENÇÃO)*



As imagens pertencem à produção *Life in a Day*, um documentário singular de 90 minutos onde mais de 81 mil pessoas enviaram aos produtores (*Youtube* e *Scott Free UK*) gravações realizadas em um único dia: 24/07/2010.<sup>4</sup>. Projetamos o trecho compreendido entre 2'13" e 3'03", de onde retiramos os *frames* desta página: uma voz de mulher pergunta ao simpático moço sentado no banco "Can you speak english?" "Yes", ele responde rindo muito. "What the day is today?" a voz arrisca saber. A resposta é ainda mais saborosa: "I like to move it move it". "This is best day of my life", nos diz o sorridente moço. "No! I'm asking..." emenda a voz feminina, quando o rapaz diz "Oh! What the day" e ri. "Yes!", ela confirma. "Uh" e uma sonora gargalhada irrompe. O rapaz continua, entre risos, "Wait a minute" - olha o celular e ri - "a stupid question: 'what day is it?'. It's 24 july!". A voz feminina, também rindo, questiona "and what the day is it?". "it's the best day ever" ele responde!..

Nesse ritmo de risadas e brindes iniciamos nossas provocações junto às professoras com a pergunta: *O que está acontecendo?* E fomos aos computadores. Quase como o sorridente moço do trecho do filme, por instantes achamos que havíamos proposto *a stupid question*: o que está acontecendo!

A escolha política e estética – nesse texto e na trajetória do mini curso com as (im)possibilidades dos 140 caracteres – de investir em um procedimento delirante para a escrita foi inspirado na proposta de Deleuze (2007). Delírio que se movimenta em uma impossibilidade de tradução para os sentidos, as palavras, e não como doença a ser curada. Movimento que pretende colocar em suspensão as certezas sobre o que, comumente, denominamos de comunicação.

Abandonar a postura de que algumas instâncias seriam produtoras (quase que exclusivamente) enquanto outras estariam em uma posição hierarquicamente inferior (exclusivamente) ao serem comunicadas sobre o "novo" conhecimento, atrave(r)ssando uma escrita em experimentação do (des)encontro. Traçando possibilidades ao escutar o convite de Rosa Maria Fisher (2003) para colocar em debate a questão: "*como dar conta da competência de nossas análises da mídia no sentido de falar de dentro dela (...) e não de fora, daquele lugar soberano da interpretação?*". Ao propor uma discussão por meio do twitter passamos à possibilidade de falar *desde dentro* dessas produções. Eu me remexo muito! Muito, esse movimento está produzindo "coceiras nas idéias", muito jóia!

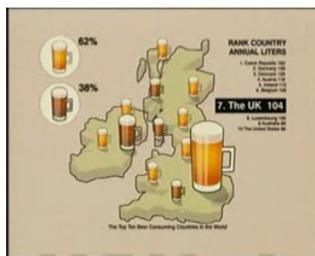
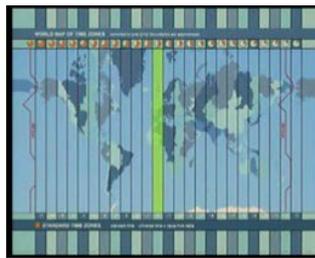
Propostas que criaram possibilidades de experimentação e de entrelaçamento nos processos de comunicação e, em nosso caso, para o campo da educação, pretendendo deslocar os "*entre-lugares da produção (o trabalho dos criadores, roteiristas, atores, técnicos dos diversos níveis) e dos destinatários, daqueles a quem se endereçam os produtos*" (Fisher,

4 (Informações obtidas em <<http://www.telegraph.co.uk/culture/film/filmmakersonfilm/8552739/Life-in-a-Day-24-hours-in-the-life-of-the-world.html>>)

2003). Formando IMAGENS, pensando no TEMPO com essas ESCRITAS... aonde chegarei? Não sei... Através da determinação dos 140 caracteres, procuramos provocar uma ampliação em intensidade na duração de tempo e escrita. Experimentamos essas invenções e procuramos deslocar as discussões sobre educação para dimensões e esferas outras daquelas que, tradicionalmente, realizamos em momentos acadêmicos como os minicursos. Chegar a um pensamento em movimento...

Buscamos, ao longo do mini curso (assim como para este texto), provocar um pensamento entre – imagens, questões, 140 caracteres escritos. Um pensamento entre como uma fonte de movimentos, de potências de criação, de potências de deformação (e uma deformação compreendida como uma criação de novas formas), de pensamentos sem comparações. Pensamentos que buscam diferenciações e atualizações, fugindo de modelos. Pensamentos que adquirem velocidade, em direções perpendiculares, sem buscar por correlações localizáveis. Idéias que ajudam a fugir da comparação, da referência, de um modelo ideal, tão presentes em pesquisas e ações no campo da educação. Uma proposta de transitar pelo meio, ir e vir e não começar e terminar, em movimentos que provocam, potencializam e criam multiplicidades *entre*. Já aconteceu, acontece, acontecendo, acontecerá... Tempos a proliferar?

E, com essa idéia de *entre*, pensar em produzir conhecimentos, pensamentos, atos, posturas num movimento de soltura das coisas e não no aprisionamento de forma delimitadas, demarcadas, intransponíveis de como pensar a educação, a escrita. *Entre*.



<sup>5</sup> As imagens pertencem ao vídeoclip da música *Remind me* do grupo *Röyksopp*. O clipe foi dirigido por Ludovic Houplan & Hervé de Crécy, 2002. (Fonte: < <http://royksopp.com/videos/remind-me>>). Segui-se ao vídeo a questão: quantas vezes o mapa das Ilhas Birtânicas aparece?

Em tempos de quantificações de caracteres (ou número de alunos ou de aprovações ou de mapas das ilhas britânicas) escolhemos pensar com outros tempos. A primeira twitada a gente nunca esquece. Maurizio Lazarato (2007:94) nos propõe o trabalho com a definição, sugerida por Bergson, do tempo como “*uma contínua criação de novidades inesperadas*”... deslocamento do que poderíamos chamar de contexto (condições/espço) e uma aproximação ao tempo (não o tempo cronológico, mas a duração)... UAUUUUUUU tb acho, quer dizer, vc tem certeza né? A partir de um tempo não cronológico e não espacializado podemos pensar em movimentações que não são espaciais, e sim movimentos de contrações e dilatações, expansões e adensamentos. Assim, sem pressa nem contagens? Com-templação? Assim, sem espaçamentos entre as palavras para ‘economizar’ toques. Depoisdetantaimageninteressanttantossentimentosensaçoessforamdespertadasquenãofaçoideiaequantasvezesotalmapaaparece.

Propomos pensar, junto aos twittes, deslocar a educação, propor sua fuga dessa invenção temporal, deste tempo *duração* que expande e adensa e tenta, a todo instante, a demarcação do tempo como ‘fundamentação’ para a produção de conhecimento. Lembrar é educação? Remind me! (I like to move move...).

### **38 VEZES, 14 MINUTOS, 10 PASSOS (OU ESCRITA E CRIAÇÃO)**

Nosso próximo fragmento foi exibir a abertura da produção cinematográfica *Mais estranho que a ficção*, dirigido por Marc Forster, 2006, com o questionamento “Seria a escrita um tempo de ex-cre-ver?”. Não mais crer no que (se) escreve? Tempo de liberdade de ex-pressão? A seguir, imagens do início do filme, que apresentam graficamente a rotina do personagem Harold, interpretado por Will Ferrell, lembrando que, entre as características dessa produção cinematográfica está a quantificação exata dos movimentos de Harold: mexer a escova de dentes 38 vezes, andar por 14 minutos até o ponto de ônibus, dar 10 passos para atravessar a rua...



Aquecer idéias é tweetar, produzir, é... Para produzir deslocamentos, pensamos as mensagens do mini blog escritas por nós e pelos professores como cartas enviadas ao mundo, sem um destinatário fixo. Talvez até sem destinatário. Temos tratado as cartas em nossas pesquisas como “uma aposta estética de exploração de pensamentos, conhecimentos, experiências, vidas e(m) ambientes singulares. Não uma metáfora ‘escrever como se escreve uma carta’, mas uma singularização expressa” (ANDRADE; SPEGLICH, p. 124, 2011). Cartas twittadas que desejam explorar notícias, inventar ideias, expor sentimentos, ex-pressões. Tempos desejantes de potências inventivos. Cartas-tuites como uma aposta estética e de criação.

Escrita, sentido, registro, educação. Escrita, tempo e invenção movimentados por entre questões e artefatos culturais. O que está acontecendo? Quantas vezes um mapa aparece? Seria a escrita um tempo de ex-cre-ver? Seria a escrita um tempo de experimentar? Tuites, twitter, 140, cento e quarenta, caracteres, letras, toques.

A escrita sobrevive? Não sabemos e nem temos essa in(pre)tenção, mas sim explorar o que está acontecendo, assim como o que não estaria. Ex-cre-ver. Cremos no

que escrevemos? Vemos o que lemos? Nos desvencilhamos do que lemos e escrevemos como ex-lidos e ex-critos? Questionamentos que querem esgarçar não somente a linearidade quase imposta às leituras e escritas mas também a linearidade para a produção de pensamentos. E no plano educação? Quais fraturas e esvaziamentos esses twitters provocam?

Chamamos, então, Antonio Carlos Amorim *“na negativa de serem representação de realidade, mas criarem artifício, mundos à parte do real, as noções de ficção, verdade e imaginação são as forças conceituais para um outro pensamento que busco tecer em minhas pesquisas”* (PINAR et all, 2010, p.190). São essas forças que também chamamos no mini curso e procuramos intensificar nesse texto. Outros registros. Outros tempos. As palavras estão aí para serem experimentadas... sabores diferentes a cada linha nova... a cada novo twitte... É muita informação para poucos caracteres... Buscas por experimentar atravessamentos na própria destruição da escrita com sentido “estrito”, “comparativo”, “equivalente”, com referências numa transcendência. Grunhido?

Em 1 hora já produzimos quase 200 twittes... isso vai durar? 200 idéias... 200 escritas ou ex-critas?

Dá para usar todos os 140 caracteres? Tudo se espalha tanto que não chegamos a usar todos os toques... O que seria ou não curto e/ou rápido? Palavras? Sentidos? Conversas realizadas em sentenças de (bem menos que) 140 caracteres a questionar a escrita, a velocidade, a rapidez, a conversa, os caracteres. Escrever no twitter, novas formas de pensar. Como se escreve? E então? Proliferando? Aos trilhões? Proliferações de sentidos inclusive do que é escrever, de como se escrever. Escrever-ler-cartar. No infinitivo. A escrita hoje, marca o tempo, o tempo e o tempo é registrado por essa interferência gráfica, tudo junto e misturado O tempo sobrevive? Não sabemos e nem temos essa in(pre)tenção, mas sim explorar o que está acontecendo, assim como o que não estaria.

Escrever como tempo de criar. Em 140 ou 14000 caracteres. É possível criar sem experimentar? Experimentar e não mais criar? A invenção sobrevive? Não sabemos e nem temos essa in(pre)tenção, mas sim explorar o que está acontecendo, assim como o que não estaria. Eu carrego pensamentos. Em suspensão? Momento de um transformar-se em qualquer coisa-pensamento? Descontrole de criatividade?

Finalizamos com com Aldo Victorio Filho, ao discorrer sobre currículo, corpo e as desconexões entre tempo, criação, tecnologias e educação:

“Não afirmo (...) que a educação escolar tenha perdido sua função e, conseqüentemente, sua razão de existir. Arrisco afirmar que suas graduais deficiências, decorrentes do crescente afastamento entre o que o mundo adulto lhe imputa e as conjunturas culturais dos jovens, das crianças e da própria cidade múltipla onde se situa, apontam a exigência de investimentos inusitados que permitam o aproveitamento, em maior grau possível, do que ainda ofereceria de indispensável e promissor seus espaços e seus protagonistas, e uns aos outros. Ou seja, o encontro cotidiano das novas gerações em um espaço que se pode considerar vocacionado para a criação. Criação do mundo, das relações, criação de subjetivações diversas e de suas redes alicerçantes da unidade societal necessária aos tempos de agora. Da mesma forma que a criação poética e suas redes de saberes e energias podem corroborar com futuramentos esperançosos e presentes produtivamente favoráveis às novas plasticidades sociais” (Victorio Filho, p. 149, 2012).

### Agradecimentos

Aos professores participantes do mini curso no 18°. COLE: *Atos Lucas Trevisan, Cleane Santos, Cristina Silveira, Sheila Miguel Moraes, Shirley Melo.*

### Referências

- ANDRADE, Elenise Pires de & SPEGLICH, Érica. **Imagens a fabular ambientes**: desejos, perambulações, fugas, convites. Pesquisa em Educação Ambiental, vol. 6, n. 1, pp. 123-137, 2011
- ANDRADE, Elenise Pires de & SPEGLICH, Érica. **140**. Leitura: Teoria & Prática, Ano 30, número 58, junho de 2012.
- DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon**. Lógica da Sensação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- FISHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia, Imagem, Experiência**. Texto apresentado no II Seminário Internacional “As redes do conhecimento e a tecnologia: imagem e cidadania”, 2003.
- LAZZARATO, Maurizio. **Machines to Crystallize Time: Bergson**. Teory, Culture & Society, Vol. 24(6): 93-122, 2007 (disponível em <http://tcs.sagepub.com/content/24/6/93.extract> - acesso em 11 de novembro de 2013).
- PINAR, Willian; LOPES, Alice Casimiro; AMORIM, Antonio Carlos; MACEDO, Elizabeth; OLIVEIRA, Inês Barbosa & ALVES, Nilda. Revista Teias v. 11, n. 22 , p. 187-208, maio/agosto 2010.
- VICTORIO FILHO, Aldo. **Corpo escola**: currículo vibrátil e pedagogia da carne. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 3, p. 143-152, Set/Dez 2012.